

Tema Transversal: orientação sexual em uma escola estadual no Município de Tabatinga/Am

Jocieides dos Santos da Silva¹
Raimunda Santos Maciel²
Ilma Marques Obando³

RESUMO: Esta pesquisa procurou analisar de forma clara e objetiva, como o tema transversal “Orientação Sexual é trabalhado ou poderá ser, em uma escola Estadual no Município de Tabatinga. Trata-se de uma Pesquisa Ação, optou-se pelas abordagens qualitativa e quantitativa, os instrumentos utilizados foram as entrevistas estruturadas, questionário e o público alvo foram os professores e alunos do 1º Ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Orientação Sexual: escola: transversal.

RESUMEN: Esta investigación buscó analizar de forma clara y objetiva, como el tema transversal "Orientación Sexual es trabajado o podrá ser, en una escuela estatal en el Municipio de Tabatinga. Se trata de una Investigación Acción, se optó por los abordajes cualitativo y cuantitativo, los instrumentos utilizados fueron las entrevistas estructuradas, cuestionario y el público objetivo fueron los profesores y alumnos del 1º Año de la Enseñanza Media.

Palabras clave: Orientación sexual: escuela: transversal.

INTRODUÇÃO

Os temas transversais são de suma importância nos currículos escolares, principalmente porque abordam as temáticas como a Orientação Sexual, ressaltando as questões acerca da sexualidade, com o intuito de levar o educando às práticas de ações reflexivas.

No entanto, é necessário que a Orientação Sexual seja trabalhada de forma interdisciplinar no âmbito escolar e que os professores tenham uma atenção especial a essa etapa da vida em relação aos riscos biológicos ou emocionais, por meio de abordagens que leve o educando a refletir acerca do seu comportamento diante dos desafios que ele enfrentará ao longo de sua caminhada.

Assim a presente pesquisa buscou analisar como o tema transversal: Orientação sexual pode ser aplicado no ambiente escolar e quais os desafios enfrentados pelos professores

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Amazonas – jocieidessilva@gmail.com

² Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Amazonas – raimundasantosciel@gmail.com

³ Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – ilmaobandotbt@hotmail.com

acerca desta temática, pois a orientação sexual é um assunto que deve ser discutido, debatido e incluso no currículo escolar.

A metodologia utilizada foi a pesquisa ação, as abordagens foram a qualitativa e quantitativa. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas com aplicação de questionários com perguntas fechadas aos docentes e discentes do 1º Ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual no Município de Tabatinga.

Percebeu-se que seja necessário prepará-los mais, pois esses sujeitos não estão preparados emocionalmente e nem mesmo financeiramente para assumir tamanha responsabilidade acerca desta temática.

Sabe-se que também os educadores resistem em trabalhar o assunto, pois se sentem despreparados, inseguros, com medo, além de possuírem tabus e preconceitos. Nessas situações, perguntas “Como responder acerca de questões sobre a sexualidade?”. Deste modo acaba tornando um dilema para esses profissionais.

1. ABORDAGEM SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais em 1998, formalizaram a recomendação de inclusão da educação sexual, sob a nomenclatura de “orientação sexual”, na educação básica de forma transversal. Na orientação dos PCNs inclui-se a discussão de temas como “gênero, sexo, masturbação, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada”.

Ainda, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) encontrar-se á o uso do termo orientação sexual, mas também várias referencias sobre educação sexual e ao tratar deste tema, busca-se considerar como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano do nascimento até à morte.

Assim este tema transversal é de suma importância nos currículos escolares principalmente porque aborda acerca da orientação sexual, pois ressaltam as questões acerca da sexualidade, com o intuito de levar o educando às práticas de ações reflexivas. A esse respeito é importante que:

O trabalho de orientação sexual também requer o tratamento de questões que não estão de forma simples articuladas aos conhecimentos curriculares - seja porque são singulares e necessitam de tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, emergindo e exigindo do professor/orientador flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhá-las (ALTMANN, 2001, p.03).

Diante deste contexto, pode-se enfatizar que ocorre uma necessidade de maior compreensão das dificuldades dos professores em abordar o tema, bem como suas

representações, de forma que a escola exerça um dos seus principais papéis na sociedade: a de educadora e de formadora de conceitos e representações.

Um dos eixos de trabalho apontado são os temas transversais, através da transversalidade abre-se espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos. “Os temas incluídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais são: ética, trabalho e consumo, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, a serem incluídos em discussões em projetos concomitantes com as disciplinas regulares ou separadamente” (BRASIL, 1997, p.26).

A orientação sexual é um dos temas transversais que está presente nos Parâmetros Curriculares escolar, afinal o adolescente está frente a uma sociedade consumista, porém infelizmente é carregado de mitos e tabus, por professores, pais e alunos,

Dentro desse enfoque esta pesquisa procura conhecer de que forma a escola aborda o Tema Transversal: Orientação Sexual com os alunos do ensino médio e a importância da orientação sexual no ambiente escolar. Além disso, este trabalho procura saber quais são os desafios enfrentados pelo o educador ao trabalhar com a orientação sexual.

Considerando que em todo mundo, as escolas foram identificadas como ambientes-chave para realizar a educação relacionada aos adolescentes e jovens, pois está comprovado que é mais fácil trabalhar conhecimentos, atitudes e práticas preventivas com adolescentes e jovens, do que modificar hábitos em pessoas adultas. (MATARAZZO, 1998).

O professor junto com a escola tem o papel de passar essa informação sem reforçar tabus, possibilitando o diálogo da forma mais aberta possível, considerando o conhecimento prévio do aluno, poderá conseguir atingir parte daqueles que se caso ainda não iniciaram atividades sexuais, para que possam também adquirir informações de conceitos relevantes para lidar com determinadas situações.

Na discussão das doenças sexualmente transmissíveis/Aids o enfoque precisa ser coerente e não acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte. As informações sobre as doenças devem ter sempre como foco a promoção da saúde e de condutas, preventivas, enfatizando-se a distinção entre as formas de contato que propiciam risco de contágio daquelas que, na vida cotidiana, não envolvem risco algum (BRASIL, 1997, p. 144). Pois a sexualidade na juventude é um panorama histórico as transformações na esfera privada e na vida sexual, percepções e comportamento com relação a esta temática, questões específicas acerca da sexualidade juvenil e modos como a escola pode lidar com estas questões.

De acordo com Moreira (2012, p.01), “a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz”.

Silveira (2010) afirma que a escola é fundamental no processo de aprendizagem do aluno, pois é o local onde o adolescente passa a maior parte do seu tempo e vivencia suas primeiras experiências. Para isso é necessário que os professores explorem essa temática, que também pode ser tratada em todas as outras disciplinas abordada de forma interdisciplinar.

Essa orientação e discussão do tema se fazem necessárias a partir da transversalidade, tendo em vista que os índices de gravidez na adolescência perpassam por falta de uma política que os oriente – na condição de privação de liberdade – possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

As informações precisam fazer sentido para a realidade do outro. A educação em saúde é um importante meio de prevenção e promoção à saúde e deve provocar uma mudança de atitude nos indivíduos, nos hábitos e estilo de vida, tornando-se capazes de modificar sua realidade para diminuir suas vulnerabilidades e melhorar a qualidade de vida.

2. METODOLOGIA

Para efeito de coleta de dados, foi realizado um questionário fechado subdividido em 10 abordagens aos docentes e discentes da Escola Estadual Raimundo Carvalho, na turma do 1º ano do Ensino Médio, caracterizando a pesquisa como qualitativa e quantitativa. Serviram como amostra 30 alunos com a idade entre 14 e 17 anos.

Buscou-se primeiramente, para realização do estudo, o levantamento bibliográfico em livros, artigos a respeito da temática para um melhor aprofundamento do tema. Em segundo lugar, iniciou-se a pesquisa de campo, a qual foi aplicado o questionário fechado aos sujeitos da pesquisa. As perguntas foram referentes acerca da idade dos discentes quanto à orientação sexual, de que forma a escola aborda o tema e se os discentes recebem orientação sexual.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas com aplicação de questionários com perguntas fechadas aos discentes do 1º Ano, as observações das aulas dos docentes com a participação dos discentes foram registradas por intermédio de fotografias e anotações dos dados.

Para complementar a aprendizagem foram utilizados filmes com a temática abordada. Após o uso do recurso midiático, em uma roda de conversa, foram esclarecidas as principais dúvidas dos adolescentes. As técnicas usadas foram as observações participante do público alvo, para o levantamento da situação (diagnóstico), consistiram na utilização de dinâmicas

pedagógicas e o desenvolvimento dos temas propostos. Os questionamentos foram feitos, solicitando-se ao aluno completo anonimato, visando assim uma maior verossimilhança das informações coletadas.

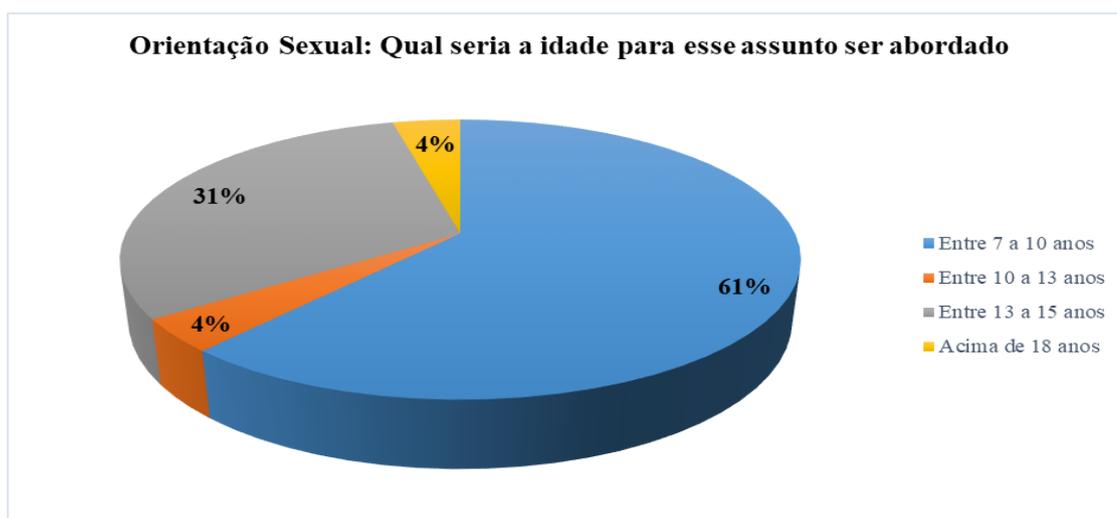
Para a sistematização dos dados coletados foi realizada análise quantitativa do material analisando os dados obtidos, atribuindo-lhes valores e relacionando-os de acordo com a realidade local, traduzindo as análises em números, opiniões e informações, organizando-as de maneira simplificada em forma de plotagem de gráficos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram obtidos através dos questionários com os sujeitos da pesquisa, e posteriormente analisados de forma descritiva e tabulados, de forma a melhorar a visualização dos resultados.

Assim no Gráfico 1, vemos em percentual as respostas obtidas, perguntou-se aos discentes qual seria a idade para abordar acerca da Orientação Sexual, conforme observou-se, 61% afirmaram que a idade para receber a orientação sexual seria entre 7 a 10 anos, 31% afirmaram que a idade seria entre 13 a 15 anos, 4% afirmaram que a idade seria entre 10 a 13 anos e 4% seria acima de 18 anos. Concordou-se com Altamann (2001, p.11) “que considera o trabalho sobre orientação sexual deve ocorrer sempre que surgirem questões relacionadas ao tema”.

Gráfico 1 – Idade para a Orientação Sexual ser abordada



Fonte: SANTOS, Jocieides - 2018.

Para esse estudo, adolescente é a pessoa que tem entre 11 e 18 anos de idade. Segundo a Organização de Saúde (OMS), a adolescência compreende um período entre 11 e 19 anos de idade, desencadeando mudanças corporais e fisiológicas advindas da maturidade fisiológica,

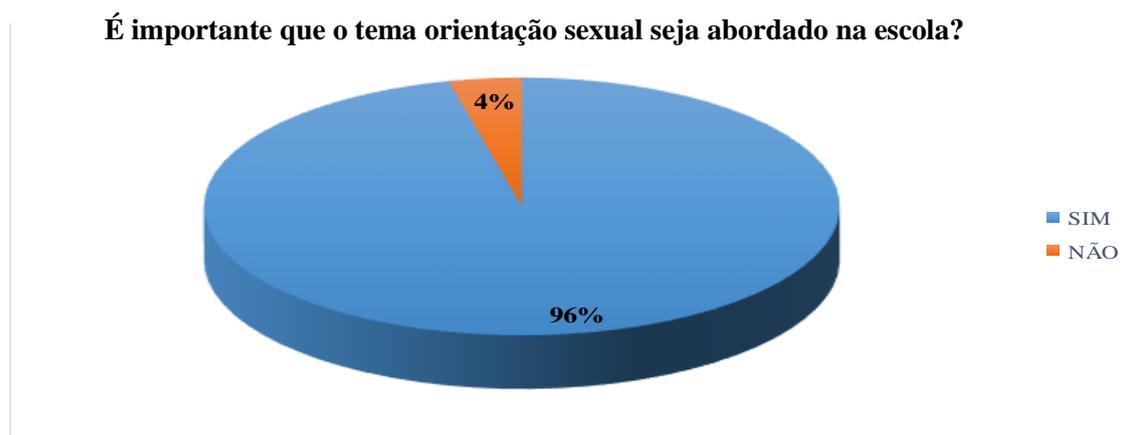
Para Muller (2009, p.92), “a adolescência compreende o período entre os 15 e 19 anos e a pré-adolescência o período entre os 12 e 14 anos”.

O começo desta fase está geralmente associado ao despertar das pulsões sexuais e às transformações fisiológicas e somáticas que assimilam a função reprodução, por exemplo: aparecimento de caracteres sexuais secundários, a menarca e mudança de voz nos meninos. Assim é fundamental que a orientação sexual seja abordada a partir do início da puberdade, pois é um momento que requer mais informação, diálogo, conscientização e o apoio familiar.

Quanto à questão referente a importância da abordagem da Orientação Sexual na escola, 96% afirmaram que é importante que este tema seja trabalhado e 4% responderam que não é importante falar desse assunto. Conforme este resultado, evidencia-se que existe uma necessidade quanto a falta de acompanhamento dos pais em relação a orientação sexual, pois neste contexto a escola seria uma ferramenta importante para esclarecer as dúvidas que muitas vezes o adolescente não tem coragem de questionar ou perguntar.

De acordo com os PCNs (1998) “a escola possui importância fundamental na educação de um indivíduo, normalmente, serve como uma continuação ou complementação da educação recebida no âmbito familiar”. Pois, “a orientação sexual na escola tem como finalidade preencher lacunas, informar, erradicar preconceitos, aprofundar conhecimentos e mais do que tudo, propiciar uma visão ampla e diversa das opiniões sobre os temas da sexualidade”(SUPLICY, 2002). Conforme o gráfico 2 abaixo.

Gráfico 2 – Importância da abordagem sobre o tema Orientação Sexual na escola



Fonte: SANTOS, Jocieides - 2018.

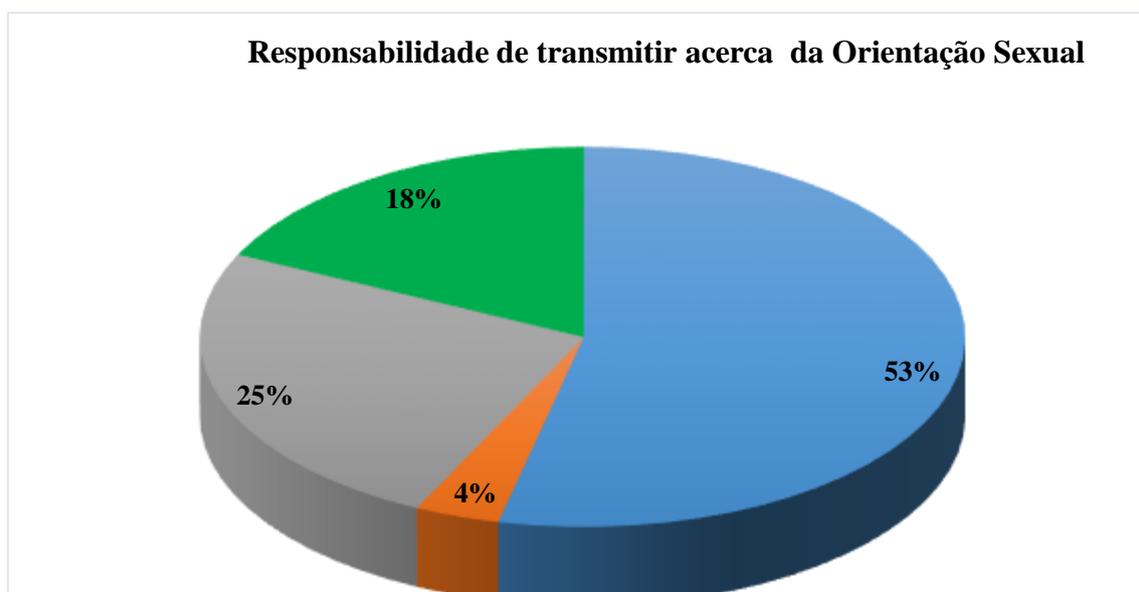
Assim a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar dos educandos na vivência de sua sexualidade atual e futura. Pois a sexualidade inicia-se desde o nascimento e faz parte ao longo da nossa vida em todos os momentos "ela envolve desejos e

práticas relacionadas à satisfação, afetividade, prazer, sentimentos e exercícios da liberdade". (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005, p.22).

Salienta-se que a família deve ser o primeiro contato, onde criança sintá-se segura e à vontade para desenvolver seus conhecimentos acerca da orientação sexual. "A família por exemplo, é quem começa a dar as primeiras noções sobre sexualidade, mesmo que não ocorra um diálogo de forma aberta com os filhos, mas por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições"(JARDIM & BRÊTAS, 2006).

Na questão referente quanto à responsabilidade de transmitir a orientação sexual, 53% consideram que são os pais os responsáveis, 25% afirmam, que são os amigos. Outros envolvidos, cita-se, os profissionais de saúde, médicos, enfermeiros e amigos, que apontam 18%, quanto ao ambiente escolar os discentes afirmam que pouco se fala acerca da orientação sexual, isso corresponde a 4%. É importante o educador abordar esta temática com mais detalhes em sala de aula através de atividades extraclasse, palestras e interação com os demais profissionais de Saúde, visando a promoção e prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis. No entanto, constatou-se através desta pesquisa quais medidas são adotadas na sala de aula e se o educador sabe da importância da orientação sexual. Conforme se observa no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Quanto à transmissão de conhecimento acerca da orientação sexual



Fonte: SANTOS, Jocieides - 2018

Percebe-se a ausência e a necessidade de se abordar este tema em sala de aula, pois o fato é que os professores não recebem orientações suficientes em sua formação para tratar deste tema com seus alunos, tornando-se uma tarefa difícil (TONATTO; SAPIRO, 2002).

Cabe ao professor buscar informações acerca desse assunto para que o mesmo possa transmitir informações e fazer reflexões acerca de todos os aspectos que envolvem a sexualidade e juntamente com a família possam realizar esta tarefa, pois a escola sozinha não é capaz de fazer seu papel.

A orientação sexual deveria então, ser mais discutida não só nos cursos de formação docente, como também em cursos de formação continuada para preparar melhor o educador, para que ele sintasse-se seguro ao tratar de assuntos referentes à sexualidade (DINIZ; ASSINELLI-LUZ, 2007). Sendo o professor capaz de intermediar este conhecimento acerca de prevenções de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Gravidez Indesejada, Aborto, além de ouvir os adolescentes para saber o que eles pensam, para assim esclarecer suas dúvidas.

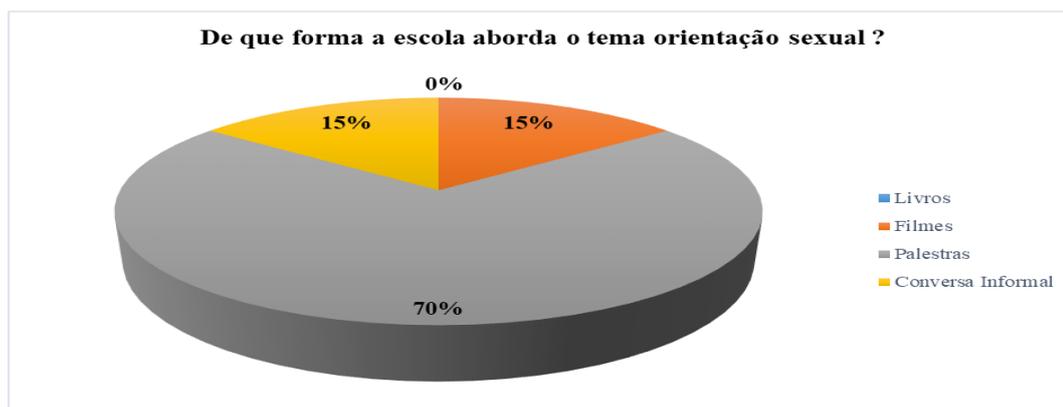
Acerca disso Montanardo (2008) complementa que a orientação sexual vem:

[...] sendo sempre necessária, porque o adolescente precisa ter acesso às informações adequadas e de alguém que lhe mostre o caminho, que lhe diga como agir, o que fazer e o que evitar, caso contrário ele será incompetente sexualmente talvez não seja feliz, não fará outro feliz, além de estar correndo graves riscos quanto a sua integridade física. (p.38).

Segundo os PCN's, "os conteúdos de orientação sexual podem e devem ser flexíveis de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento". (BRASIL, 1998, p. 138). Entende-se que é necessário que na escola haja um trabalho pedagógico sistemático para que possa servir como um ponto de referência para os alunos sanarem suas dúvidas acerca do tema.

Questionados sobre de que forma a escola aborda o tema orientação sexual, mediante as respostas dos alunos, 70% fazem o uso de palestras, 15% filmes e conversa informal, quanto a utilização de livros não houve indicação. Este resultado aponta a necessidade de ter um acompanhamento contínuo para que o aluno sintasse-se embasado quanto às dúvidas que podem aparecer ao longo de sua caminhada.

Gráfico 4 – Abordagem da Orientação Sexual.



Fonte: SANTOS, Jocieides - 2018.

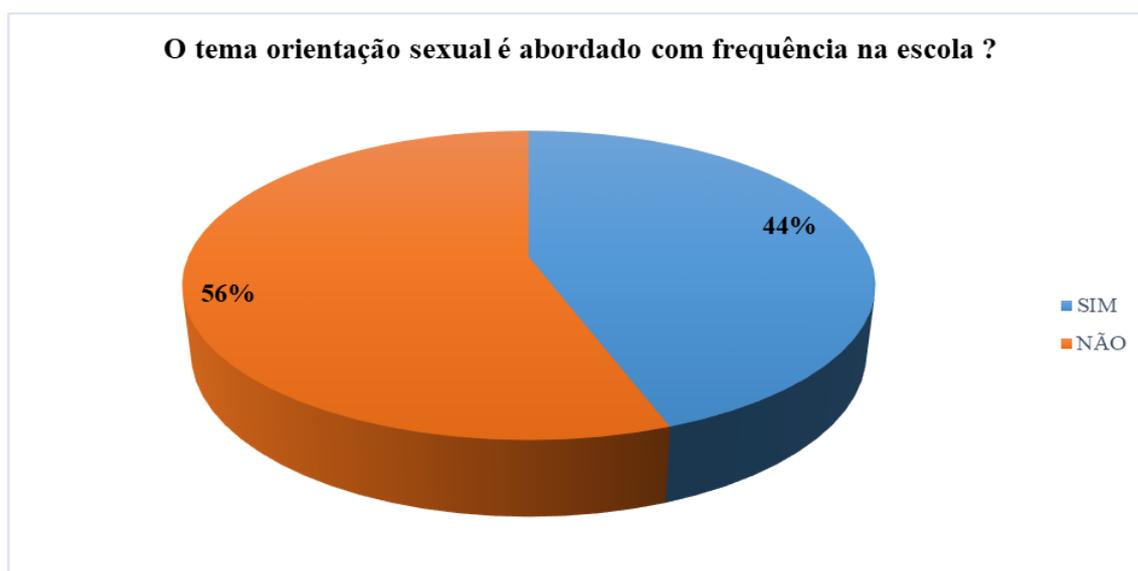
Salienta-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) incluem a abordagem sobre sexualidade, porém observa-se que é necessário uma ação conjunta, entre os profissionais de saúde e professores para trabalharem palestras e informações acerca das dúvidas que os adolescentes possuem sobre sexualidade. Com isso esta abordagem pode conseqüentemente reafirmar conceitos ou, com uma outra visão, ocasionar a propagação de informações referentes à sexualidade, sendo acompanhadas de questionamentos e discussão sobre a sexualidade (CEZAR, 2000).

Essa relação deve ser em conjunto quando se trata de aplicar o trabalho de conscientização na escola, pois professores e profissionais da saúde são ferramentas fundamentais para que este processo de aquisição de informação acerca da orientação sexual seja implantado.

A inclusão desses conteúdos nos currículos, segundo Furlani (2004, p, 68), “já vem com um atraso de amplitude igual ao da própria educação formal. As escolas que não proporcionam a educação sexual a seus alunos estão educando-os parcialmente”

Ao serem questionados acerca da frequência quanto a abordagem do tema orientação sexual na escola, 56% afirmaram positivamente que a escola aborda sobre esta temática, 44% responderam que não ocorre essa abordagem, no entanto, essa em comparação aponta através desse percentual que se faz necessário falar mais deste assunto na escola. Conforme observa-se no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Quanto à frequência do tema orientação sexual



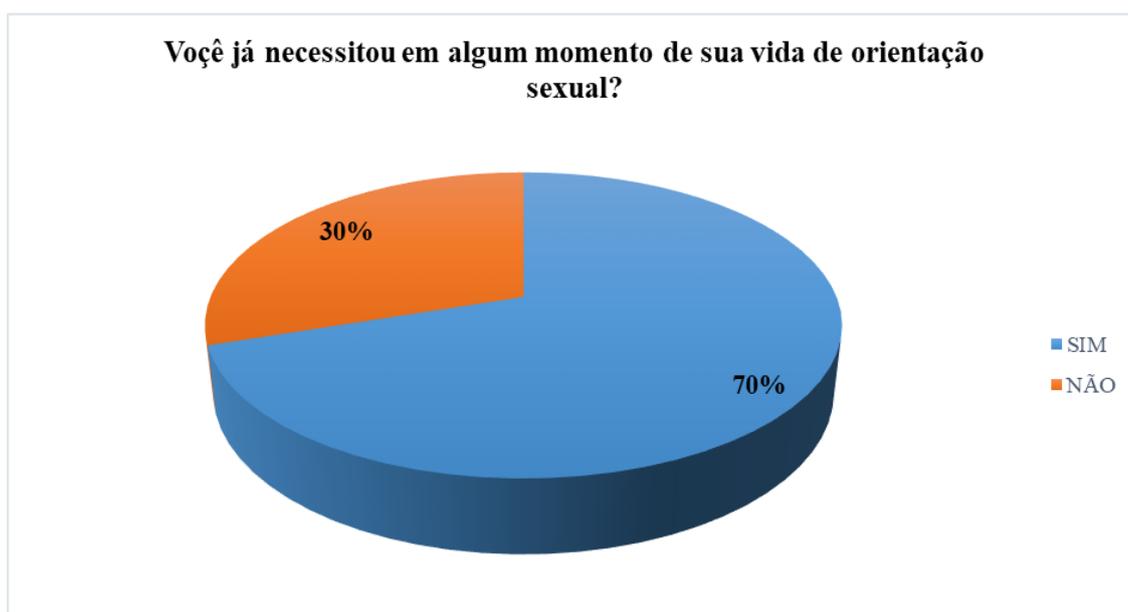
Fonte: MACIEL, Raimunda - 2018.

Nesse contexto, a escola tem a função de contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com responsabilidade, sendo a escola um dos lugares,

para se promover este conhecimento para a formação de cidadãos conhecedores de seus direitos e capacidades. Neste intuito "as escolas são um ambiente privilegiado para a implantação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes (ALTMANN, 2003, p.576).

Os alunos ainda foram questionados quanto algum momento da sua vida acerca da necessidade da orientação sexual, 70% já precisaram de informação acerca da orientação sexual e 30% ainda não necessitaram. Notou-se que o objetivo da orientação sexual é beneficiar a prática prazerosa e responsável da sexualidade, de maneira que a informação seja apropriada às diferentes fases do crescimento do indivíduo (PECORARI et al., 2005).

Gráfico 6 –Necessidade de orientação sexual



Fonte: MACIEL, Raimunda - 2018.

Mediante a análise dos resultados desta pesquisa, constatou-se que se faz-se necessário abordar com mais frequência acerca da orientação sexual, enfatiza-se que a escola não oferece investimentos ligados a esta temática e através das respostas dos alunos, constatou-se que a escola e a família precisam trabalhar em conjunto enfatizando a grande importância de abordar outras dúvidas que vão surgindo ao longo da caminhada estudantil.

Além disso, o educador deve estar consciente do seu papel sempre visando o foco em relação à prevenção e promoção da orientação sexual na sala de aula, dessa forma ele estará contribuindo para o bem estar social do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma a presente pesquisa buscou analisar como o tema transversal: Orientação sexual, pode ser aplicado no ambiente escolar. Foi possível constatar os desafios e as dificuldades quanto a abordagem desta temática, pois a orientação sexual é um assunto que deve ser discutido, debatido e incluso na sala de aula.

Para que haja parceria entre escola e família é necessário que medidas sejam adotadas mediante a realidade dos alunos, sendo que uma das formas interessantes para melhorar qualidade da educação nas escolas públicas é o trabalho com metodologia de projetos para enriquecer a docência.

Diante da realidade mostrada nesta pesquisa sobre o tema transversal orientação sexual constata-se a urgência de novos modelos, novos objetivos, novos conteúdos por parte do Estado e da escola no enfrentamento da questão, ao mesmo tempo, que exige mudanças de concepções até então adotadas e consideradas como verdadeiras.

Sendo assim é de suma importância a realização desta pesquisa para que a comunidade estudantil saiba da importância de profissionais capacitados, para que possam ampliar o conhecimento dos alunos diante do problema vivido, estimulando debate de temas da atualidade entre os alunos e todo núcleo escolar.

Portanto, espera-se que a Orientação Sexual seja trabalhada de forma interdisciplinar no âmbito escolar com mais frequência e que os professores tenham uma atenção especial a essa etapa da vida por meio de abordagens que leve o educando a refletir acerca do seu comportamento diante dos desafios que ele enfrentará ao longo de sua caminhada, possibilitando o desenvolvimento dessa temática.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. (2001) **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Scielo. Estudos Feministas.

_____. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos pagu**, Rio de Janeiro, v.21, pp.281-315, jun., de 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental (2000). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiros e quartos ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental (1997). **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF.

CEZAR, R. A. A orientação sexual como sistema de prevenção de saúde. Reflexões [online], 2000. Disponível em: www.reflexoes.diarias.nom.br , acessado em: 09 nov.2018.

DINIS, N., ASSINELI-LUZ, A. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar em Revista**. Curitiba. n.30. p.77-87.2007.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana – Subsídios ao trabalho em Educação Sexual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

JARDIM, D.P.; BRÊTAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Rev. Bra. Enferm**, Brasília, v.59, n. 2, 2006.

MATARAZZO, M. H.; MANZIN, R. **Educação Sexual nas Escolas**. São Paulo: Paulinas.1998.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância: Ministério da Saúde. 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DST no Brasil. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/dst-no-brasil> . Acessado em: 30 nov. 2018.

MOREIRA, ARMINDO; **Professor não é Educador**. Segunda edição, 186 pg, Cascavel Pr. 2012.

MONTANARDO, J. **A Escola e a educação sexual**. La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 13, n. 1, p. 161-173, jan-jun 2008.

MULLER, Laura – **Altos papos sobre sexo dos 12 aos 80 anos**/ Laura Muller. - 2.ed – São Paulo: Globo, 2009.

PECORARI, E. P. N. et al. Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório. **Cad. psicopedag.** [online]. v. 5, n.9, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492005000100002&lng=pt&nrm=iso Acessado em: 09 nov. 2018.

Silveira A da, Donaduzzi JC, Pereira ADA, Neves ET. Sexual education for adolescents: a participatoryresearch approach in theschool. *RevEnferm UFPE online* [Internet]. 2010 jan/mar [cited 2013 dec 01];4(1):149-55. Available from:<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/648>. Acesso 21/10/2018.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes, Amor, puberdade, masturbação, homossexualismo, anticoncepção, DST/AIDS, drogas**. São Paulo: FTD, 2002.

TONATTO, S.; SAPIRO, C. M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicol. Soc.** [online], vol.14, n.2, p. 163-175, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822002000200009&script=sci_arttext. Acessado em 25/10/2018.

